



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

PLANTAS DO AXÉ: SUA FUNDAMENTAÇÃO RELIGIOSA NOS TERREIROS DE UMBANDA DA CIDADE DE POÇÕES – BAHIA

Celio Silva Meira

(Aluno do Mestrado em Ciências Ambientais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/

PPGCA-UESB)

celliosilvameira@bol.com.br

Marília Flores Seixas de Oliveira

(Professora do PPGCA/ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia / UESB)

marília.flores.seixas@gmail.com

Basta uma breve observação acerca da formação da população brasileira para percebermos uma variabilidade enorme de tipos diferentes nos seus mais diversos aspectos, diferenças essas que vão do andar ao jeito de falar, do sotaque à cor da pele, traços peculiares que se estabelecem, tanto do ponto de vista étnico-racial quanto do cultural, em seu de miscigenação, como uma das características associadas ao Brasil.

Toda essa diversidade se deve ao fato de termos em nossa matriz étnica formações peculiares que se originam a partir de elementos étnicos distintos. Inicialmente, os elementos autóctones, que foram os indígenas nativos¹. Em seguida, os colonizadores europeus que chegaram aqui nos anos de 1500 e se instalaram como um elemento estranho ao indígena e resultaram tomando posse de tudo o que passou depois a se chamar Brasil. Vale ressaltar que esse grupo trouxe consigo formas de dominação que alcançaram os mais diversos aspectos, do lingüístico - com a imposição da língua portuguesa- aos culturais, impondo seus costumes religiosos baseados no cristianismo, desprezando todas as formas de religião que aqui existiam: o processo catequético imposto aos indígenas acompanhou a implantação de um novo modelo de sociedade, que foi a sociedade mercantil - e posteriormente capitalista -, com seus costumes e formas de exploração. E, por fim, o

¹ Não há consenso entre os demógrafos sobre o número de indígenas que ocupavam o atual território brasileiro antes da chegada dos portugueses: as estimativas vão de 1 a 6,8 milhões de nativos segundo os dados do IBGE (Adap: ANUÁRIO Estatístico do Brasil 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. p. 2-54 e 2-55)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

elemento negro, trazido da África como escravo para trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar e outras tantas funções que a eles eram impostas.

Os africanos trouxeram consigo toda uma gama de informações culturais, como línguas, religiões, costumes, práticas culinárias, tecnologias, conhecimentos e uma série de informações que foram tanto incorporadas quanto desprezadas pelos brancos colonizadores, representadas recorrentemente como algo menor, com conotação de atrasado, arcaico, primitivo. Apesar do preconceito impresso sobre estas culturas, ressaltase que se pode compreender “primitivo” a partir de significados não depreciativos, pertinentes quando aplicados a elas: *aquilo que vem em primeiro lugar, a origem de tudo* (QUERINO, 2006). Preconceito semelhante ainda incide, contemporaneamente, sobre os nordestinos e, em particular, sobre os baianos, em estigmas que os associam ao atraso e ao arcaísmo. Para Guimarães (2002, p.11), os nordestinos

passaram a ser associados ao atraso, ao arcaico, ao avesso do trabalho livre e voluntarioso. Esta forma de estigmatizar os outros pelo que a ele atribuímos de antimoderno e não-europeu parece ser uma constante no nosso modo de ser, alimentando os estigmas que cultivamos também em relação a outros grupos étnicos, sociais e nacionais.

Mesmo com todos os preconceitos enfrentados, os negros conseguiram, como diz Muniz Sodré (1942), *“reimplantar aqui - de modo mais extenso e com maior alcance estrutural na Bahia – os elementos básicos de sua organização simbólica de origem”*.

As culturas africanas em nosso país foram renegadas às categorias de culturas *diferentes, menores ou inferiores* à cultura ocidentalizada, judaico-cristã, e isso não aconteceu apenas quando os negros aqui chegaram, pois, até antes disso, em seu próprio continente eles já eram vítimas de retaliações, devido aos processos que já existiam, por lá, de colonização e domínio europeu. Muniz Sodré (1942) fala das grandes mudanças ocorridas na África em função das reorganizações territoriais e das transformações civilizatórias relacionadas também às substituições de antigos reinos e impérios por novos dispositivos políticos de natureza estatal, precipitadas pelas estruturas de tráfico dos escravos montadas pelos povos europeus.

Nas Américas, e em especial em nosso país, os grupos de origem africana enfrentaram as novas estruturas sociais e suas mudanças fortes e marcantes, decorrentes da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

imposição do modelo de sociedade mercantil e judaico-cristã baseada no trabalho escravo, extremamente contundente e cruel. Frente aos processos de dominação enfrentados, os negros passaram a praticar clandestinamente os seus ritos, para manter os cultos aos seus deuses e retomar, assim, a linha do relacionamento comunitário e das suas práticas culturais e religiosas de suas terras de origem. Por outro lado, novas configurações começaram a acontecer, a partir das realidades locais e dos contextos específicos em que passaram a viver, constituindo um jogo com as ambigüidades do sistema colonial imposto. Para Sodré (1942), *“a cultura negro-brasileira emergia tanto de formas originárias quanto dos vazios suscitados pelos limites da ordem ideológica vigente”*.

A religião dos orixás e suas diversas formas de culto fazem parte evidentemente da cultura de um grupo ou de grupos. (...) Isso implica, antes de mais nada, considerar a especificidade da cultura oriunda do meio social inclusivo que contém os aspectos religiosos.

A tradição religiosa como elemento organizador dessa comunidade sofre influências das mais variadas experiências vividas pelos membros desse núcleo religioso, visto que cada um traz sua própria identidade cultural, adquirida ou imposta pelo seu núcleo de origem (VALLADO, 2006, p. 141).

A partir da década de 1970, as práticas das culturas negras - em especial as religiosas - começam a sair da “clandestinidade”, entendendo-se esse “sair” como algo embrionário, inicial, como uma mudança na representação. Paulatinamente foram passando a ser consideradas e vistas em suas particularidades culturais, sobretudo na Bahia, com seu grande contingente populacional afro-descendente. Vários fatores de ordem sócio-histórica contribuíram para que esse rompimento pudesse eclodir e Muniz Sodré, em sua obra “A Verdade Seduzida”, apresenta a seguinte síntese destes fatores:

- 1830 - Abolição do tráfico negreiro, o que permitiu aos negros um olhar sobre a sua real situação de marginalizados.
- As revoltas que ultrapassaram as fugas individuais ou coletivas, sendo que essas ocorreram num momento político em transformação de uma fase colonial para uma visível independência.
- O surgimento dos terreiros, que começam a sair da clandestinidade, embora sofrendo todas as formas de repressão, tanto de ordem policial, onde eram comum as invasões e prisões dos seus adeptos por estarem praticando magia-negra e subvertendo a ordem social que era vista como a religião que praticava o mal, e adorava o diabo nas suas mais diversas formas. Pois, diferia do proposto



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pelo cristianismo ocidentalizado e enraizado em terras brasileiras (SODRÉ, 1942, p. 100).

A partir dessa realidade brasileira surge um novo fenômeno religioso com suas raízes fundadas nas culturas africanas, européias e indígenas: a Umbanda.

O nascimento da religião umbandista coincide justamente com a consolidação de uma sociedade urbano-industrial e de classes. A um movimento de transformação social correspondente um movimento de mudança cultural, isto é, as crenças e práticas afro-brasileiras se modificam tomando um novo significado dentro do conjunto da sociedade global brasileira. (ORTIZ, 1991, p.15).

Na primeira década do século XX, surgiram as primeiras notícias de casas e terreiros de Umbanda, religião genuinamente brasileira e de síntese que consegue agregar elementos das três religiões da nossa matriz étnica: do índio, traz o culto aos caboclos e aos espíritos dos antepassados; dos africanos, o culto aos orixás, aos ancestrais; do europeu, a presença do catolicismo e do espiritismo como meio de comunicação com os mortos. Dessa síntese têm-se as primeiras cultuações da Umbanda, uma religião que traz uma mistura de outras religiões, um pouco de cada coisa, como atesta Prandi (1991, p. 49/50):

A Umbanda que nasce retrabalha os elementos religiosos incorporados à cultura brasileira por um testamento negro que se dilui e se mistura no refazimento de classes numa cidade que, capital federal, é branca, mesmo quando proletária, culturalmente européia, que valoriza a organização burocrática da qual vive boa parte da população residente, que premia o conhecimento pelo aprendizado escolar em detrimento da tradição oral, e que já aceitou o Kardecismo como religião, pelo menos entre setores importantes fora da igreja católica.

Ainda segundo o autor:

É no Rio de Janeiro, meados de 1920, que é fundado o primeiro centro de umbanda, que teria sido como dissidência de um Kardecismo que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerados pelos kardecistas mais ortodoxos como espíritos inferiores.

Como foi dito anteriormente, um segmento religioso que muito influenciou a Umbanda foi o Candomblé, religião de origem africana, embora essa influência tenha sido mesclada com o catolicismo. A Umbanda se junta principalmente com o cristianismo para processar os seus cultos, o que pode ser verificado, dentre outros aspectos, pela presença de nomes de santos da igreja católica para batizar as casas de Umbanda, como aparece em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

alguns exemplos mostrados por Seraceni (2008, p. 98): “Tenda Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara, São Pedro, São Jorge, São Jerônimo, etc.”.

Para os adeptos da nova religião, a vinculação com o cristianismo era uma forma de buscar a aceitação por parte da sociedade, ou seja, os nomes dos santos católicos serviam para disfarçar e melhor aceitar a presença da Umbanda entre uma maioria católica que é o caso do nosso país. Segundo Negrão (1996, p. 67), “era comum e ainda é pessoas ligadas a outras religiões e, sobretudo a católica frequentarem a Umbanda, ou seja, pairar sobre os dois mundos, lá e cá”.

Na Umbanda, todos são bem vindos, todos os elementos são respeitados e cultuados, conseguindo-se agregar sem preconceitos as mais diferentes formas de cultos às mais diversas entidades. Talvez seja por isso que a Umbanda tenha crescido tanto em nosso país, tendo ganhado um número incrivelmente grande de adeptos, desde o seu surgimento até hoje. Sua expansão foi muito rápida, ao contrário de outras religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, que ficou mais atrelado às tradições africanas. A Umbanda, de certa forma, abre suas portas às novas realidades sociais e econômicas do Brasil e, segundo Linares (2008, p. 47) “ela conta hoje com mais de 40 milhões de adeptos só no Brasil.”

Diversos fatores contribuíram para o rápido crescimento da Umbanda em nosso país. Para Berkenbrock (1997, p.152), alguns destes fatores se referem a

oferta na área curativa e caritativa; a forma simples do culto; sua adaptação às condições do público; a forma de organização das comunidades; a possibilidade de participar diretamente de experiências religiosas.

Sendo uma religião tecida dentro dos padrões da cultura brasileira, a mesma se espalha por todo o Brasil, chegando aos mais recônditos lugares deste imenso território, como é o caso da cidade Poções, na Bahia, que tem suas origens remontando ao final dos anos 30 do século XX, com a chegada da industrialização no Sudeste brasileiro e o fluxo migratório populacional para a região, dando assim início à implantação do município.

A religião da Umbanda, com suas misturas de elementos diversos, resultou penetrando no município de Poções por volta da década de 1940, acoplando em si diversos elementos religiosos existentes no local. Da Igreja Católica, incorporou os santos com suas datas e festas comemorativas; da religião indígena, o culto aos caboclos; da presença negra



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

na região do município, congregou o culto aos orixás e aos Pretos-Velhos, com suas associações aos santos católicos. Além, é claro, de outros elementos, oriundos de vários segmentos religiosos e práticas divinatórias, como a Cartomancia, por exemplo.

No que tange ao uso de plantas, de acordo com informações prévias da pesquisa realizada localmente, a Umbanda poçoense faz uso constante das ervas em seus rituais, de maneira fundamental aos rituais, o que demonstra que, para os adeptos desta religião, é imprescindível o uso de plantas dentro de seus terreiros. Segundo Oliveira *et al* (2007, p. 81).

A sacralização da natureza é um aspecto fundante do candomblé. As plantas, como outros fenômenos e objetos da natureza, são consideradas sagradas e possuem um papel fundamental na estrutura litúrgica do culto: desde os banhos de ervas nos rituais de iniciação, o batismo dos tambores, a lavagem de contas, a oferta de alimentos, até os banhos de purificação e os remédios vegetais prescritos pelos sacerdotes.

As folhas, ou ervas, como são chamadas as plantas utilizadas nos terreiros, devem ser coletadas seguindo-se rituais complexos, sem o que perdem sua razão de ser e o seu axé (poder). A própria definição dos tipos de folhas a serem utilizados pressupõe ritos e procedimentos religiosos.

Antes de colhê-las, para que se possa saber qual ou quais serão as folhas que devem vir a ser usadas em cada procedimento ou nos rituais determinados, é preciso consultar-se os encantados (entidades espirituais da Umbanda), seja quando estes estão incorporados nos filhos da casa ou no pai de santo (ocasião em que podem conversar diretamente com as pessoas) ou então por meio de consulta intermediada pelo pai-de-santo (ou pela mãe-de-santo, conforme o terreiro) utilizando-se o jogo de búzios.

Antes de se fazer a coleta das folhas, é preciso pedir licença a Ossaim, orixá que é considerado, no candomblé, como o senhor das folhas, ou seja, o Orixá dono das ervas.

O segredo do poder das folhas é transmitido de geração a geração, seguindo o mesmo princípio utilizados nos terreiros, o da oralidade. De pai para filho, de tio para sobrinho... - em relações de parentesco que não são apenas consangüíneo ou familiar no sentido formal da palavra, mas que também se referem aos parentescos rituais, pois os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

terreiros se organizam a partir de famílias de santo -, sempre tentando salvaguardar o valor do segredo das ervas e suas aplicabilidades dentro das casas.

Segundo Barros (2009), o uso de certo ou determinado tipo de planta dentro de um terreiro varia de acordo com cada casa, havendo determinadas casas que fazem uso de certas folhas para determinadas finalidades e, em outras casas, estas mesmas plantas são categorizadas de outras maneiras, podendo ser, por exemplo, consideradas como pertencentes a outros orixás, ou então tidas como adequadas para curarem outros tipos de males ou de doenças, sejam elas espirituais ou físicas. Porém, vale ressaltar que todas as casas utilizam, em seus rituais, determinados tipos de plantas. Para Oliveira *et al*:

A utilização de plantas, nestas comunidades, podem ter finalidade mágico-encantada, finalidade de prevenção ou tratamento da saúde, ou ambas a um só tempo, sem distinções rígidas entre males ou benefícios a que se atribuem causas físicas ou simbólicas e sem separação clara entre corpo e espírito (OLIVEIRA *et al*, 2007, p. 82).

As prescrições e receitas, os banhos medicinais ou garrafadas, feitos sob orientação dos caboclos, são usados com confiança pela população, pois se acredita que eles conhecem profundamente os segredos e as ciências das matas e da natureza brasileira (ibidem, p.95).

Com isso, pode-se perceber o quanto a natureza se faz presente dentro dos terreiros de Umbanda. Pierre Verger (2005) afirma que as folhas formam uma grande força na farmacopéia africana. Compreender a história, a importância e o culto que envolve essas ervas nas casas umbandistas é compreender um pouco da história de cada um dos seus adeptos e não reduzi-las a meras superstições.

A presença do vegetal, para o afro-brasileiro, está ligada à manutenção do axé. O axé representa a força vital que move e renova esse povo que tem toda a sua religiosidade calcada nas substâncias extraídas das folhas. Para Santos (1998), este comportamento ambiental foi importante porque as religiões de matriz africana têm a natureza como elemento de comunicação com o sagrado, mediação entre o Ayiê e o Orum (as duas instâncias do mundo, a primeira o mundo dos vivos e a segunda o mundo dos orixás, dos antepassados e dos espíritos). É, portanto, por meio também das folhas sagradas que é feita a comunicação dos homens com as divindades.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para o “povo-de-santo”, os orixás estão intimamente relacionados com os elementos da natureza, existindo orixás das águas, da terra, do vento e das folhas, ou seja, há uma relação direta entre todos os elementos da natureza e os deuses africanos, os encantados etc. Há uma constante relação de intimidade entre a religião e a natureza e, sem a mesma não há continuidade da vida religiosa, espiritual.

É conhecida a importância dos vegetais nos rituais afro-brasileiros devido também aos efeitos que estes causam àqueles que deles se utilizam como também devido ao valor simbólico dos mesmos no contexto geral das religiões de influência africana. Segundo o depoimento da Ialorixá Mãe Bibiu de Ogum:

Uso ervas para tudo que faço, defumo pessoas sãs e também doentes, no momento das obrigações, meu caboclo – Sultão das Matas- ensina vários remédios feitos com folhas, cascas de pau. Quando vou na casa de alguém a pedido fazer qualquer trabalho, primeiro eu faço um bate folha na casa toda e depois na pessoa do trabalho, o nome das folhas é segredo, só o caboclo é quem diz quais usar.

Portanto, percebe-se que, para esta Ialorixá, as plantas adquirem fundamental importância na sua cultura religiosa e na medicina popular por suas propriedades terapêuticas e também por suas virtudes simbólicas. Percebe-se também, neste depoimento, a centralidade da figura do caboclo, entidade espiritual de grande importância nas casas de Umbanda, que utiliza constantemente as folhas em suas ações ou em seus rituais.

Nas incorporações destes caboclos nos médiuns dos diversos centros religiosos em que aparecem, eles conversam com desenvoltura com os fiéis-pacientes, fumam charutos, ingerem bebidas alcoólicas, dando sempre ênfase à cura dos males do corpo, seja utilizando gestos rituais simbólicos, cantos gritos de saudação ou folhas, raízes, cipó, sementes e outros elementos da biodiversidade local, de que é profundo conhecedor (OLIVEIRA *et al.* 2007, p.96):

Logo, percebe-se o grau de intimidade entre os encantados, seus pacientes ou consulentes e a flora botânica local ao passar receituários em que os ingredientes estão à disposição dos fiéis nas matas, nas ervas, nas cascas, nos frutos etc.

Os adeptos das religiões afro-brasileiras não usam as plantas somente para extrair delas remédios, óleos ou banhos. Usa-se também os diversos elementos da natureza como símbolos dos Orixás, sendo muito comum nos terreiros o plantio e o cultivo de árvores



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sagradas, para serem dedicadas a determinados deuses, como nos atesta este depoimento do Babalorixá Adonias de Nagô:

Na minha casa tenho alguns pés de pau que são sagrados, Aroeira que é de Xangô e Oiá, Acocô que é de Ogum, Balainho-de-velho que é de Preto Velho, Cansação que é de Exu, Alfazema que é de Oxum...

Independente do tamanho e da importância do terreiro, todos têm uma ligação com a natureza e tem plena consciência da importância da mesma para a preservação da sua ancestralidade. Usam as matas para fazer suas oferendas, agradar deuses, pois segundo esta concepção religiosa, não é possível reverenciar os “santos” sem as matas. Pode-se observar que tanto para grande parte dos descendentes dos iorubás (grupos étnicos originários da Costa da Mina, atual Nigéria), como para muitos membros de terreiros de Umbanda que compõem estas comunidades que são estudadas aqui, o universo dos deuses e o universo dos homens não são ou não estão distantes um do outro, pois, apesar de diferentes, são universos relacionados.

Os mitos e os ritos da religião possibilitam que as forças existentes na natureza (naturais ou “sobrenaturais”) manifestem-se tanto nos iniciados como em lugares específicos que estão diretamente vinculados a valores, a objetos e a outras representações simbólicas que relembram os feitos dos orixás ou os mitos a eles associados. Para estes grupos culturais, a natureza ocupa um espaço de totalidade. Não existe uma fragmentação entre a natureza e o modo de vida do grupo, em relações complexas que incluem tanto os aspectos efetivamente reais quanto também elementos invisíveis (sagrados ou transcendentais) que compõem a existência. Pode-se afirmar que os ancestrais, os encantados, os santos, os orixás, os vários deuses, os fenômenos naturais, os animais, as plantas, as rochas e os minerais podem fazer parte articuladamente ou compor o mesmo sistema representativo das pessoas vinculadas a estas comunidades religiosas.

Outras expressões da estreita relação entre a natureza e a religião podem ser percebidas nos cânticos e nas rezas de invocação aos Orixás e às entidades que compõem o panteão da Umbanda, que são entoados nos terreiros durante os rituais. Evidenciando a relação dos seres sagrados com a natureza sacralizada, esses cânticos retratam feitos dos deuses, suas passagens aqui na Terra, suas histórias míticas, seus feitos notáveis, associando tais narrativas a elementos da natureza, demonstrando que nada está solto ou



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

desconexo, ao contrário, tudo expressa as diversas conexões existentes entre o mundo dos encantados e o mundo dos homens. Cada Orixá possui seus cânticos específicos, e em cada momento dos rituais estes cânticos são acionados de maneira específica, sendo também parte integrante dos cultos, e em cada cântico ou reza são invocados os poderes dos encantados, vinculando e acionando estas forças simbólicas às características particulares e à relação com os elementos da natureza. Vejamos alguns de domínio público observados nos terreiros da Umbanda de Poções:

Quando o tambor bateu, lá nas matas se escuta eh! Caboclo, caboclo da mata bruta.

Ainda tem caboclo debaixo da samambaia

E índio novo, sai da sua aldeia e vem brincar mais eu.

Adeus, adeus meu pavão dourado. Adeus, que eu já vou me embora, eu moro lá naquela serra aonde mora o caboclo Guarani.

Conforme apontado anteriormente, os cânticos e as rezas evidenciam a simbiose entre natureza e as entidades, assim como rememoram seus feitos, que são expressos sob as diversas formas de dança e dos gestos rituais, seguidos e movidos pelo som dos atabaques.

Cabe ressaltar que, nos rituais, quando as entidades estão manifestadas nos iniciados, estão, de certa maneira, estabelecendo os limites de seus poderes, trazendo para a comunidade todo o seu axé e o seu poder de integração. Essa é uma forma de atualizar os mitos de origem dos encantados por meio dos sistemas rituais, tornando presente e re-significando os elementos simbólicos e transcendentais que estão vinculados ao equilíbrio das forças da natureza, o que exprime a necessidade de se viver num mundo organizado.

Outro dado percebido é a forma como os terreiros de Umbanda se organizam geograficamente. Falando na cidade de Poções, na sua maioria eles estão todos situados em área periféricas da cidade, ou seja, bairros quase ou sem nenhuma infra-estrutura, no que tange a rede de esgoto, iluminação pública, serviço de coleta de lixo etc.

Já a organização espacial dos terreiros obedece a uma distribuição que está diretamente ligada às características próprias de cada Orixá. Eles estão dividido basicamente em dois espaços: espaço do “mato” e espaço “urbano”, coincidindo com as descrições feitas por Santos (2008) sobre terreiros de candomblé. O primeiro destes



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

espaços consiste em uma área verde com árvores e, às vezes, com algumas fontes de água, em homenagem aos orixás das águas. É a natureza mítica do sistema religioso que reporta cada elemento da natureza ao universo dos orixás, onde estão os seus assentamentos, locais sagrados de uso ritual. O segundo espaço, caracteriza-se pela área edificada, correspondente a todo tipo de construção do terreiro, sendo também, em geral, a área em se encontra o barracão das festas, as áreas dos rituais freqüentados também por visitantes ou freqüentadores ocasionais, o que poderia ser considerada como uma área mais pública.

A área verde dos terreiros faz-se necessária para o cultivo das plantas e ervas que são usadas nos momentos dos rituais e para o preparo de banhos que são usados para os “trabalhos da casa”. Este espaço representa a natureza *in natura*. A necessidade deste espaço verde nos quintais dos terreiros é essencial para a sobrevivência das comunidades de santo. Os afro-brasileiros responsáveis pela consolidação dos cultos de origem africana, ao manter suas tradições religiosas tiveram que lidar com essa biodiversidade. Para Barros (1993, p.33), tal realidade

colocou o negro diante de um universo misterioso que era necessário dominar para que ele pudesse sobreviver física e culturalmente. A adaptação ao novo habitat e às novas condições sociais deu lugar à substituições indispensáveis das plantas que não foram aqui encontradas.

Para os adeptos das religiões afro-brasileiras, a natureza é o princípio da existência do culto, os orixás são as representações ou ate mesmo a materialização dela. A natureza está virtual e fundamentalmente presente, dentro das casas religiosas. Nesse sentido deve-se ressaltar que, o culto prestado aos Orixás nos terreiros de Umbanda na cidade de Poções - BA, em um determinado momento, ultrapassa os limites de um culto à ancestralidade de um grupo, remetendo-se ao culto à natureza, pois, os membros que compõem as comunidades de santo, ou melhor, os terreiros, acreditam que os homens sejam o resultado da somatória de todas as partes ou elementos que compõem a natureza> tanto nos aspectos minerais, vegetais ou animais, como nos aspectos “visíveis” ou “invisíveis” transcendentais, que de certa forma, permitem a existência não só do culto, mas do homem e sua tradição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BARROS, José Flávio Pessoa de e NAPOLEÃO, Eduardo. *Ewé Órísá: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé Jêje-Nagô*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 4ªed., 2009.

BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CAROSO, Carlos e BACELAR, Jeferson (orgs). *Faces da Tradição Afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAQ, 2006.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes Sociais, Raças e Democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: 2001. p 254 e 255.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de e OLIVEIRA, Orlando J. R. de. *Na trilha do Caboclo: Cultura, Saúde e Natureza*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.

ORTIZ, Renato. *A morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2º ed. 1991.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessadas do Brasil. In: *Herdeiras do Axé*. São Paulo: Hucitec, 1996.

QUERINO, Manoel. *A raça africana e seus costumes na Bahia*. Salvador: P555 Edições, 2006.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte*. Traduzido pela UFBA. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SARACENI, Rubens. *Umbanda Sagrada: Religião, ciência, magia e mistérios*. [Nova ed.]. São Paulo: Madras, 2006.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

VALLADO, Armando. O Sacerdote em Face da Renovação do Candomblé. In: CAROSO, Carlos e BACELAR, Jeferson (orgs). *Faces da Tradição Afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAO, 2006. p.257-88.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Ewé: O uso das plantas na sociedade ioruba*. São Paulo, Companhia das Letras. 4ª impressão, 2005.